

Análise pós-colonial da emergência do Boko Haram na Nigéria: um desafio às abordagens tradicionais

Postcolonial analysis of the emergence of Boko Haram in Nigeria: a challenge to traditional approaches

Análisis poscolonial del surgimiento de Boko Haram en Nigeria: un desafío a los enfoques tradicionales

Ana Clara Pereira Domenichini¹
Isabela Maria Cavalmoretti²
Juliana Saleme da Costa Cerqueira³
Nathália Alves Guimarães⁴
Shanaya Lohanna de Oliveira⁵

RESUMO

O presente artigo pretende realizar um estudo de caso visando a teoria pós-colonial, principalmente os pressupostos apresentados por Edward Said, para analisar a circunstância da ascensão e permanência do grupo islamista Boko Haram no território nigeriano. Sendo assim, propõe-se a compreensão e o desenvolvimento da influência colonial sobre a circunstância analisada, utili-

zando o pressuposto de influência do Ocidente sobre o Oriente, além da relação entre políticas imperialistas e poder. A análise irá se debruçar sobre os argumentos reflexivistas utilizando as premissas pós-positivistas, históricas e interpretativistas, resultando em uma análise crítica.

Palavras-chave: Boko Haram. Teoria pós-colonial. Terrorismo. Segurança internacional. Orientalismo. Identidade.

1. Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: ana.domenichini@gmail.com
2. Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: isabelacavalmoretti02@gmail.com
3. Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: salemejuliana@gmail.com
4. Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: nathaliaguimaraest617@gmail.com
5. Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: shanayashay29@hotmail.com

ABSTRACT

This paper intends to conduct a study-case aiming at the postcolonial theory, especially the assumptions presented by Edward Said, to analyse the circumstance of the rise and permanence of the Islamist group Boko Haram in the Nigerian territory. Thus, it is proposed to understand and develop the colonial influence on the analyzed circumstance, using the assumption of the West's influence over the East, as well as the relationship between imperialist policies and power. The article will address reflexivism arguments using post-positivist, historical, and interpretivist premises, resulting in a critical analysis.

Key-words: Boko Haram. Postcolonial theory. Terrorism. International security. Orientalism. Identity.

RESUMEN

Este artículo pretende realizar un estudio de caso apuntando a la teoría poscolonial, especialmente a los supuestos presentados por Edward Said, para analizar la circunstancia del surgimiento y permanencia del grupo islamista Boko Haram en el territorio nigeriano. Así, se propone comprender y desarrollar la influencia colonial en la circunstancia analizada, utilizando el supuesto de la influencia occidental en Oriente, además de la relación entre las políticas imperialistas y el poder. El análisis abordará los argumentos reflexivistas utilizando premisas pospositivistas y históricas, dando lugar a un estudio crítico.

Palabras clave: Boko Haram. Teoría poscolonial. Terrorismo. Seguridad internacional. Orientalismo. Identidad.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo será desenvolvido a análise pós-colonial da presença do Boko Haram na Nigéria, tendo como objeto de estudo essa organização fundamentalista islâmica sunita e a sua atuação no país africano. Essa análise será fundamentada a partir dos pressupostos da Teoria Pós-colonial, principalmente das obras do autor Edward Said, e do seu princípio a respeito do “Orientalismo”.

Esse trabalho preza o intuito de argumentar de que forma a colonização influenciou ou contribuiu para a formação de grupos terroristas na Nigéria. Sendo assim, será traçada uma linha histórica a respeito do país, abordando a sua história e o período colonial até a atualidade. Haverá a explicação do terrorismo como fenômeno, para, posteriormente, entender sobre o Boko Haram, como ele surgiu e quais são suas motivações e a sua atuação no país. Será utilizada a abordagem teórica do pós-colonialismo, fundamentando seus principais pressupostos e argumentos que serão utilizados para explicar a influência e contribuição da colonização para a formação de grupos terroristas. Por fim, haverá a análise de tudo que foi apresentado junto à teoria, relacionando o objeto de estudo com a lente teórica, mostrando, também, as delimitações das teorias tradicionais em explicar o assunto.

Esse artigo se faz necessário, pois é preciso aprofundar e entender a construção do termo “terrorismo” e como ele é retratado, muitas vezes, de forma errônea, devido a uma ideia que é moldada e construída pelo Ocidente. Dessa forma, é preciso se investigar as causas das formações desses grupos e como a colonização nesses países, onde eles se originaram, acabou sendo um fator colaborativo para suas emergências. Além disso, é preciso mostrar também as delimitações das teorias tradicionais ao tentar explicar esse fator de securitização mundial e que envolve toda comunidade internacional.

2 A TEORIA PÓS-COLONIAL

Esta seção contempla os antecedentes que influenciaram o surgimento da Teoria Pós-colonial e as argumentações que ela oferece acerca do funcionamento do sistema internacional e da relação entre os Estados, com enfoque nas disparidades do sul e norte global.

Desde o surgimento da disciplina, em 1918, as Relações Internacionais se comprometeram a investigar as interações dos Estados, de forma a elaborar métodos e conceitos que possibilitam a compreensão da natureza que rege o sistema internacional. Tendo em vista o período histórico no qual foram escritas, logo após a Primeira Grande Guerra, e a posição global de onde partiam seus autores, a priori, Estados Unidos e Europa. Essas visões tradicionalistas, em grande medida, adotaram como pressuposto o caráter anárquico do meio em que os Estados se interagem.

Nesse sentido, ao adotarem a anarquia como condição legítima das Relações Internacionais, as teorias convencionais abstraíram diversas outras perspectivas que podem ser observadas no objeto. Dentre elas, a intersecção entre interesses internos e externos dos Estados e como esses refletem na articulação de políticas internacionais, a influência do capitalismo na relação interestatal, a interferência de Estados periféricos e semiperiféricos no quadro geral de atores, e a posição das mulheres e de culturas étnicas marginalizadas no sistema de Estados (NOGUEIRA E MESSARI, 2005). Essa característica limitada da disciplina, apesar de possuir grande engajamento dentro do campo, passou a ser fortemente questionada pelas teorias que surgiram após a década de 80, principalmente pelos ideais

críticos e pós-positivistas que passaram a integrar o campo das Relações Internacionais (DUNNE, KIRK & SMITH, 2013). Não somente pela visão que essas teorias assumiram acerca do sistema internacional, mas também pela posição geográfica em que foram escritas, o que, conseqüentemente, influencia de forma direta as perspectivas que se têm do cenário internacional e as análises que emergem a partir delas. Ao se assumir o pensamento de Robert Cox (1996), no qual ele propõe que toda teoria é feita por alguém para o benefício de alguém, pode se concluir que a formação canônica do campo a partir de teorias elaboradas, primordialmente, por países do norte global permite que se privilegie as demandas desses atores e as suas visões do sistema internacional. Em detrimento das perspectivas de outros Estados, negligenciadas ou generalizadas durante a elaboração de proposições para a formulação das teorias tradicionais.

O pós-colonialismo surge como uma alternativa analítica das condições singulares que fundamentaram os Estados do sul global, essas muito distintas daquelas que moldaram as estruturas dos países do norte. Trazendo uma visão que não mais se refere, necessariamente, ao objeto das relações internacionais como legitimamente anárquico, mas dotado de âmbitos bem mais abrangentes, focados na natureza desses países do sul e como essas se refletem no cenário internacional (KRISHNA, 2009). O termo “colonial” que dá título à teoria, como uma referência a circunstâncias onde se tem opressões diversas, intrínsecas a questões étnico-raciais e de gênero (BALLESTRIN, 2013). Conjunções que apesar de estarem presentes no âmbito interestatal, permaneceram aquém nas investigações teóricas tradicionais. Desse modo, as teorias pós-colonialistas detêm um caráter de resistência às teorias que apagam ou alteram continuamente as narrativas dos países periféricos, além de apontar as conseqüências para seus territórios das imposições vindas de países que adotaram e adotam posturas imperialistas, sejam por meio da economia, da política ou da cultura.

Krishna (2008) expõe que, invariavelmente, aquelas nações economicamente destacadas no sistema de Estados, irão definir continuamente os padrões sobre os quais os outros países deverão se adequar. Sendo esse comportamento, característico do domínio ocidental e eurocêntrico e identificado pela detenção dos meios de produção de conhecimento e cultura, além dos

econômicos, uma herança do período colonial. Sendo assim, o pós-colonialismo é sensível à clara polarização que se tem entre os Estados ricos, o primeiro mundo e o Estados empobrecidos, o terceiro mundo, mesmo em um nível globalizado. De modo que se os Estados afro-asiáticos e latino-americanos não superarem o processo de colonização cultural, tão pouco serão capazes de transpor a dominação econômica exercida pelas potências globais, em muito responsáveis pela desigualdade internacional.

Por conseguinte, após observar as bases que fundamentam o pós-colonialismo, pertinentes à análise da problemática proposta: a emergência do Boko Haram no país nigeriano, torna-se possível inferir, assim como propõe Edward Said (2008), que a narrativa ocidental afeta continuamente a dinâmica interna e externa dos Estados periféricos, à medida de seus interesses.

2.1 O Orientalismo como lente de análise pós-colonial

O Orientalismo é uma das pautas mais importantes dos estudos Pós-Coloniais. A obra de Edward Said, traz a ideia principal do termo que é analisar a visão ocidental dominante acerca do Oriente. Assim, o processo histórico desenvolvido pelo autor no decorrer da obra aponta como o Oriente, berço das primeiras civilizações conhecidas, primeiras línguas e de conhecimentos tão preciosos para a dominação ocidental, como a matemática, é criado como um rival cultural e a imagem mais profunda da relação com o Outro (SAID, 2008, p. 18). Sendo assim, o Ocidente, por meio de uma larga produção de obras e textos literários, religiosos, documentais ou noticiários teria gerado uma imagem distorcida do Oriente, tornando-o uma ameaça para que seus anseios coloniais fossem atendidos. Demonstrando assim, como o Oriente, passa a ser nada mais que parte integrante da cultura material europeia e de sua civilização.

Dessa forma mostra a cultura de uma ideia de Europa (SAID, 2008, p. 34), que nada mais é que a ideia de uma identidade europeia (nós) superior a todos os povos e culturas não europeus (o Outro), é o que Said demonstra como se forma a hegemonia abordada em sua tese. Hegemonia presente dentro e fora da Europa é o pano de fundo do Orientalismo. O autor mostra como sempre as questões sociais e humanas das minorias são sempre acompanhadas de uma visão eurocêntrica.

Então, ao se tomar como base os conceitos do orientalismo, é notório que o Oriente tem sido moldado por pessoas influentes e importantes, imperiais e ocidentais. Construindo a ideia do “outro” através de generalizações e silenciamentos. São construídos apontamentos erroneamente unificadores, como “América”, “Ocidente” e “Islã”, criando identidades coletivas para um conjunto de indivíduos que na verdade são muito distintos uns dos outros (SAID, 2008). Sendo assim:

Sem examinar o Orientalismo como um discurso, não se pode compreender a disciplina extremamente sistemática por meio da qual a cultura europeia foi capaz de manejar – e até produzir – o Oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente durante o período do pós-Iluminismo. (...) [O Orientalismo] é um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. O investimento continuado criou o Orientalismo como um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental (SAID, 2008. p. 29, 33).

Segundo o autor, a colonização vai além da ocupação territorial, chegando à esfera da língua, literatura, valores, pensamento e da cultura de uma forma geral. Essas relações entre colonizador e colonizado geraram uma postura defensiva, bem como combates retóricos e ideológicos e uma hostilidade entre as culturas ocidentais e orientais capazes de desencadear em crises e conflitos (SAID, 2011).

Sendo assim, ao se analisar os conceitos apresentados anteriormente e a questão do terrorismo pode-se dizer que desse modo, quanto a categoria de “terrorista islâmico” é estruturada, ela acaba desconsiderando e limitando as complexidades sociais e políticas desse grande e diverso grupo denominado “Mundo Muçulmano”. “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (SAID, 2008, p. 33). O contato entre elas durante o período da colonização gerou novas formas de se pensar esses espaços e que não devem ser ignorados.

As representações do mundo árabe são talhadas pelos meios de comunicação ocidentais, tais como documentário, filmes e séries e notícias. Todavia, a forma como os árabes são retratados, são em sua grande maioria, passando uma ideia pejorativa e carregada de preconceito. Todos esses veículos de comunicação

os tratam como pessoas desonestas, torturadores, traficantes de escravizados, xeiques ricos e terroristas, enquanto o herói e mocinho da história é sempre o homem branco ocidental (SAID, 2011).

3 SURGIMENTO DO TERRORISMO COMO FENÔMENO GLOBAL

A seção a seguir tem como objetivo analisar os principais fatores que determinaram o surgimento das atividades de grupos terroristas contemporâneos, na qual se observa a legitimidade do uso da violência e das severas consequências e instabilidades características do fenômeno, através de suas reivindicações políticas, estruturais e sociais.

A origem do termo terrorismo provem da instauração do terror adotado na Revolução Francesa, impulsionadas pelos ideais do iluminismo. Nessa Revolução, o terror era praticado pelos jacobinos no Tribunal Revolucionário, no qual se executavam aqueles que conspiravam contra os princípios revolucionários. “O Terror, de um modo legítimo para a defesa da ordem social, foi assim substituído pelo termo terrorismo, o qual passou a ser associado com o abuso de poder governamental” (DO AMARAL SPADANO, 2004, p. 66). Após a Segunda Guerra Mundial, há o retorno progressivo ao terrorismo, sobretudo por grupos nacionalistas, anticolonialistas e, mais tarde, por grupos étnico-separatistas.

Ao analisar o conceito radical de “terror” diante do Dicionário de Política⁶, entende por terror o instrumento de emergência a que um governo recorre a fim de manter-se no poder. Sendo assim, a causa por razões de natureza política, se diferencia de ocorrências na idade antiga, na qual eram ligados a causas religiosas. Logo, essa forma de terrorismo político teria três características elementares: primeiro, tratar-se de movimentos organizados, com ideologias e estratégias bem definidas; segundo, dispor a impulsionar o povo a se envolver em “ações demonstrativas com o intuito de “vingar” as vítimas do terror praticado pela autoridade e de “aterrorizar”, revelando que a forma de alcançar o centro do poder é o resultado de uma organização está-

6. BOBBIO, Norberto; NICOLA Matteucci; GIANFRANCO Pasquino. **Dicionário de Política**, 2007.

vel” e, por fim, aumentar a proporção de ação mediante a um aumento de atentados no qual “simboliza o crescimento qualitativo e quantitativo do movimento revolucionário” (SANTOS, 2005).

Os discernimentos acerca do terrorismo são construídos socialmente e dependem de redes de interação social, que abrangem como governos, a sociedade e a mídia interpretam o terrorismo. Jenkins (1978) aponta que não é apenas o que os terroristas fazem, mas o efeito que criam com suas ações. Em relação às perspectivas históricas, as várias manifestações de terrorismo, apesar de objetivos diferentes e contexto político, sempre possuíram uma origem comum, ligadas à emergência de democracias e do nacionalismo. Caracteriza o terrorismo como uma estratégia insurrecional, objetivando as mais diversas convicções políticas (LAQUEUR, 2002). Sendo assim, os estudos, através de uma perspectiva histórica, mostram que o fenômeno já esteve ligado a uma ampla série de motivações e ideologias, entretanto, há grupos e indivíduos sem qualquer ideologia, ação individual e formas de organização mais ou menos estruturadas.

O fenômeno se mostra como uma forma de conflito chamada Guerra Irregular, no qual aliado a outros instrumentos, buscam por um determinado objetivo. Ou melhor dizendo, “Em termos práticos, guerra irregular é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e sobretudo de legitimidade jurídica institucional”, (VISACRO, 2009, p. 13). Não obstante, o objetivo a ser atingido com um atentado terrorista é que:

O terror pretende induzir pessoas e grupo de pessoas a adotar um certo tipo de comportamento. Pretende, além disso, demonstrar influência num certo grau de intensidade. O terror, visto desta maneira, é uma demonstração de poder de uma minoria ativa e resoluta determinada a fazer qualquer coisa para atingir seus objetivos (HEYDTE, 1990, p. 213)

Diante disso, Hoffman (2006), compreende como um fenômeno político, que o terrorismo é comumente caracterizado como um meio com a finalidade de criar poder onde não há, ou consolidá-lo, onde ele não é suficiente. Nesse contexto, o terrorismo se diferencia do crime comum pela existência pela servidão do indivíduo à um objetivo maior.

Outra questão de aquiescência sobre a natureza do terrorismo é a presença ou apenas ameaça da violência. O fenômeno

tem como finalidade provocar medo, aterrorizar uma audiência maior do que as vítimas diretas dos ataques, como uma característica distintiva do terrorismo (LUTZ & LUTZ, 2005, p. 10). Em geral, o terrorismo é definido pelo caráter indiscriminado da violência, salientado pelo desrespeito às diretrizes que limitam o uso da força entre os Estados, ao desrespeito a zonas neutras e decursos onde não existe conflito declarado, ao uso de armas e táticas não convencionais e a imprevisibilidade dos ataques (SCHMID, 2004, p. 383).

Os atentados com características internacionais foram um marco inicial ao terrorismo internacional, na qual se estabeleceu nos anos 70 e 80 do século XX. Segundo Hoffman (2006), o primeiro atentado do terrorismo internacional foi o sequestro do avião da companhia israelense El Al, em 1968, por terroristas palestinos. O autor discorre que a ação exprimia uma mudança na natureza do terrorismo porque há pela primeira vez, uma viagem para atacar outro país, além de considerar civis inocentes desses países como alvo

Conforme Galito (2013), no século XXI houve uma imensa atividade terrorista praticadas pela Al-Qaeda, dando enfoque aos atentados de 11 de março de 2004 em Madrid e de 11 de setembro de 2001 nos EUA. Sendo o último um marco histórico, tanto pela destruição e mortes em vasta proporção quanto pelo impacto que teve em relação à comunidade internacional, influenciando desde a constituição de novas leis e acordos internacionais até mesmo a mudança em comportamentos sociais. É nesse cenário de medo e ameaça a segurança internacional que o terrorismo alcança escala global e sucede a retratar um risco de intensa magnitude (CUNHA, 2010).

3.1 Terrorismo no continente africano

Após a Guerra Fria a grande maioria dos países africanos se viam diante de uma crise em decorrência da elevação dos preços das commodities, na qual eram os principais produtos exportados pelas nações menos desenvolvidas, e dos preços do petróleo no mercado internacional. Porém, ao mesmo tempo, esses países estavam sendo atingidos por conflitos, desequilíbrios produtivos e sociais, por meio de corrupção das elites no poder e um acelerado crescimento demográfico (VISENTINI, 2005).

Assim, da instabilidade política, ainda haviam diferenças étnicas e religiosas que acabaram por provocar o surgimento de novos movimentos armados internos na forma de grupos rebeldes e milícias islâmicas, que estavam descontentes com a distribuição das riquezas petrolíferas e com a desigualdade político-social (CHAZAN et. al., 1999). Entretanto, a pressão externa da reforma e o plano de reorganização implementado por instituições estrangeiras acabaram por levar a grandes distúrbios políticos e sociais nos países africanos. Essa situação acabou abrindo caminho para golpes de Estado, guerras civis e o colapso de inúmeros países do continente, sobretudo a África Ocidental (VISENTINI, 2005). A nova ordem global, advinda acerca da rivalidade bipolar e pela presença de novos atores estatais e não estatais, trouxeram diversos desafios para os países, na qual tomaram a forma de violentas guerras civis, conflitos micro nacionalistas étnicos e religiosos, tensões regionais e desequilíbrios políticos e econômicos, com os quais os Estados africanos tiveram de lidar durante o período pós-Guerra Fria.

Todavia, foi após a intensa resposta internacional aos atentados de 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque, estabelecida na “Guerra ao Terror” global, que se verificou uma grande expansão e difusão de grupos terroristas de tendência islâmica pelo mundo, ampliando o terrorismo “islâmico” a uma escala maior em relação aos assuntos de paz e segurança internacional, dando espaço para representar uma das principais ameaças à ordem securitária global e aos países e valores ocidentais (CRENSHAW, 2010).

4 BOKO HARAM COMO GRUPO EXTREMISTA

Essa seção tem como objetivo explicar o surgimento do grupo terrorista Boko Haram. A partir de uma breve análise histórica da Nigéria, busca-se traçar os motivos que fomentaram a criação do grupo, seus objetivos e seu *modus operandi*.

Segundo Walker (2012): “A educação ocidental é pecaminosa”, esse é o significado do nome adotado pelo grupo terrorista Boko Haram. Criado em 2002, esse grupo, marcado pelo caráter religioso, tornou-se insurgente com a liderança de Ustaz Mohammed Yusuf, um jovem e carismático clérigo islamita nigeriano (ALAO, 2013).

Para entender melhor o grupo, é necessário utilizar a história milenar da Nigéria. Com muitos reinos surgindo e outros terminando - como por exemplo o povo Nok e os Iorubás - sua população e cultura começaram a sofrer com a chegada dos colonizadores europeus: os portugueses alcançaram a costa nigeriana em 1472 e, por volta do século XVII, começaram a chegar navios negreiros de várias nações europeias, entre elas os ingleses.

Porém, no século XX a Grã-Bretanha assumiu o controle da maior parte da região. Desse modo o território nigeriano passou a ser ocupado por colonizadores, que oprimiam a população local através da escravidão, a fim de usar sua força de trabalho. Ademais, após a abolição da escravatura, a estrutura governamental construída não se preocupou com o real bem-estar nigeriano, apenas para a sustentação da exploração do território e população.

A partir da década de 1930, os movimentos nacionalistas ganharam força, resultando na independência da Nigéria em outubro de 1960. Porém, apesar do sucesso da consolidação do Estado, ela foi marcada por governos corruptos, desrespeito aos Direitos Humanos e não conseguiu consolidar uma nação única, pois o povo não se identificava como nigerianos, uma vez que se percebiam mais como partes da comunidade local das quais eram membros antes da colonização britânica (BRUCAN, 1974). Além disso, mesmo após a independência, a colonização continuou impactando profundamente a economia, a política e as instituições sociais existentes.

Atualmente, a Nigéria é o país mais populoso da África e sua economia do país está baseada na extração de petróleo. A democracia continua frágil e a tarefa de institucionalizá-la e reformar a economia petrolífera - prejudicada pela gestão mal conduzida - ainda existe. Além disso, as tensões étnicas e religiosas, continuam a assombrar o povo nigeriano. O petróleo, que antigamente era visto como uma bênção, vem se revelando uma maldição para esse povo. As receitas geradas por esse óleo, estão focadas nas mãos de uma pequena porcentagem⁷ da população. De acordo com os índices de pobreza, mortalidade infantil, má

7. A grande dependência do petróleo (75% das receitas e 14% do Produto Nacional Bruto) continua a ser um dos grandes desafios econômicos do país (NAÇÕES UNIDAS, 2014, p. 1).

nutrição, acesso à água potável e expectativa de vida, a grande maioria da população nigeriana continua pobre.⁸

Além disso, a questão religiosa é altamente complexa. Entre cristianismo, que representa 40,5% da população, e Islão, com 51,2% de nigerianos, o território também é dividido, sendo o Sul cristão e o Norte muçulmano. A região Norte domina a política enquanto o Sul controla a economia. Entretanto, o Norte é antiocidental, diferentemente do Sul, que é pró-ocidental.

O Norte nigeriano se tornou o lugar ideal para crises étnicas, culturais e religiosas, principalmente com a discriminação por parte dos cristãos. Segundo Idowu-Fearon (2005), essas duas religiões estão na base da violência presenciada no país. Além disso, o descontentamento em vários setores sociais nigerianos provoca confrontos violentos: o empobrecimento do Norte, atrelado com a rivalidade religiosa, constitui terreno fértil para a Al-Qaeda recrutar soldados da Nigéria.

4.1 Reivindicações do Boko Haram perante o território nigeriano.

Há, perante o grupo, uma forte rejeição do ensino secular, da forma de vida presente na civilização ocidental e da ciência moderna. Com seu caráter religioso, os participantes desse grupo autodenominam-se de talibãs nigerianos, com sua base estabelecida na região nordeste da Nigéria. A organização é movida pela difusão e adesão do Islão, pretendendo, conseqüentemente, a imposição da Lei da Sharia por todo Estado nigeriano (BUMAH, ADELAKUN, 2009, p.40).

Em 2009 o grupo começou a chamar mais atenção da imprensa internacional e da Sociedade Internacional. Principalmente com o seu envolvimento em conflitos mais violentos, em protesto contra a pobreza, o desemprego crescente, as desigualdades educacionais e contra a corrupção governamental (ALE, 2009, p.08). Porém, a execução do líder do Boko Haram, pelo governo da Nigéria, naquele mesmo ano, representou uma reviravolta na atuação do grupo. Agora, sob a liderança de Abubakar Shekau, apresentavam-se com mais violência e utilizavam a clandestinidade para financiar seus planos de vingança contra o Estado nigeriano. Com o roubo de bancos, sequestros e tráfi-

8. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) de 2014, a Nigéria tem uma taxa de 62,6% de pobreza (NAÇÕES UNIDAS, 2014).

co de drogas como fonte de renda, o grupo conseguia financiar suas operações violentas, no Norte do país, contra alvos religiosos e governamentais.

O Boko Haram objetiva um Estado Islâmico, para Hussein e Walker (2012), a organização desse grupo acompanha o radicalismo islâmico sunita afegão, iraquiano, paquistanês e somaliano que forçam o terror contra tudo aquilo que se opõe a um Estado Islâmico. Portanto, tal organização pretende espalhar o sectarismo para não serem conhecidos apenas como muçulmanos que apoiam a união do Estado nigeriano, mas também serem “os guardiões do Islão”.

Em 2014, com o sequestro de 276 meninas estudantes, em Chibok, o grupo começou a ganhar espaço na imprensa e nas redes sociais. O alvo encontrado por essa organização foi o padrão de vestimentas e as estratégias educacionais da escola que não seguiam os padrões e regimentos islâmicos. Essa ação mostra claramente os objetivos e motivações do grupo, através da negação do ensino ocidental por parte do Boko Haram e também explícita a vontade da organização de impor um Estado Islâmico. Ademais, as falhas estatais em conter o grupo abrem espaço para a descredibilização da força policial e militar por parte da população e força a sociedade nigeriana a viver com medo dos futuros planos do Boko Haram, criando, assim, um terreno mais favorável para a imposição dos desejos desse grupo terrorista.

A ideologia do grupo extremista é baseada em uma variante tradição Islamista, o Islamismo radical. Contudo, além da sua base religiosa, o Boko Haram, segundo Johnson (2013), “é um sintoma de décadas de um governo falhado e de delinquência de elites que conduziu ao caos social”. Por fim, para Isa (2010, p.332) “a ideia de Boko Haram não consiste só em rejeitar a educação ocidental. É um julgamento do seu falhanço, por não conseguir promover uma vida melhor”.

5 ANÁLISE PÓS-COLONIAL SOBRE O BOKO HARAM NO TERRITÓRIO NIGERIANO

Contemplada e situada as caracterizações da teoria pós-colonial, da ascensão do terrorismo como fenômeno mundial e emergência do Boko Haram, essa sessão prezarà uma análise baseada nos argumentos pós coloniais de Edward Said para des-

crever a presença e reivindicações do próprio grupo extremista sobre o território nigeriano, utilizando do pensamento pós-positivista, reflexivista e histórico.

Para apresentar a análise da circunstância do grupo terrorista Boko Haram sobre o território nigeriano, a sessão irá se basear nos princípios de Edward Said. O autor segue uma tradição foucaultiana, ou seja, para Foucault (2012) o discurso é na sua realidade material coisa pronunciada ou escrita, estando severamente vinculado ao desejo e ao poder. Sendo assim, narrar está vinculado ao poder, e impedir a disseminação de outras narrativas é forma explícita de imperialismo (SAID, 2011). Conclui-se, então, que cultura e imperialismo estão em constante consonância.

Em sua obra *Orientalismo* (2007) ele traz a concepção da construção do termo “Oriente” através do próprio Ocidente, construído através de uma situação de exploração e de como o primeiro serve como posse do segundo: “Ocidente constrói o Oriente o descrevendo e, depois, colonizando, governando-o, tendo como objetivo dominar, reestruturar e ter autoridade para sobre ele” (SAID, 2007, p. 29). É clara essa afirmação ao decorrer da história, tendo em vista que durante o período colonial do século XIX, as potências ocidentais estavam sob controle de grande parte do globo até o final da Segunda Guerra Mundial, essas potências tinham como “responsabilidade” a dominação do Oriente, sendo, posteriormente, substituídas pelos Estados Unidos.

Por outro lado, ao aprofundar as concepções e os estudos sobre o Oriente, nota-se uma vasta e empobrecida generalização, além dos silenciamentos, inventa-se identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade, diferem muito entre si (SAID, 2007). Entretanto, a generalização sempre traz uma conotação diferente, enquanto o lado ocidental do globo é sempre visto e generalizado como civilizado e racional, a população oriental vista como pobres, subdesenvolvidos e irracionais (AFFONSO; MARREIRO, 2019). Conclui-se, então, que há uma oposição entre a concepção do europeu colonizador e daqueles que são colonizados é a partir daí que há a noção do termo terrorista⁹. Pode-se dizer, resumindo, que a relação entre Ocidente

9. Para Whittaker (2005) os termos terrorismo e terrorista, possuem uma conotação negativa e pejorativa. Nesse sentido, é aplicada àqueles considerados inimigos e opoentes, os quais devem ser ignorados perante a sociedade.

e Oriente é pautada no poder e na dominação através do poder político, intelectual, religioso e moral.

Mesmo que o colonialismo como situação de dominar a população presente nos territórios tenha acabado, os resquícios dessa situação ainda são muito críticos e presentes na África. Said (2007) demonstra que a colonização é uma situação que vai além da ocupação territorial, mas que atinge a linguística, valores e pensamentos. Sendo assim, a relação entre colonizador-colonizado¹⁰ traz uma postura defensiva por parte daqueles que são impostos sobre o poder de outros, através de combates baseados na divergência entre culturas ocidentais e orientais que podem acarretar em grandes crises e conflitos.

Esse fato é de clara percepção quando o foco de análise é a presença europeia em territórios em que há a maioria da população muçulmana. Houve nessas situações uma forte divergência que acarretou respostas agressivas por parte dos muçulmanos que não queriam a imposição de ideais ocidentais. John Esposito (1992) traz a concepção de que houve três respostas do Oriente para o Ocidente: a primeira é caracterizada por um repelimento e distanciamento, em que a população ocidental era uma intervenção negativa sobre a religião muçulmanas e as populações ali inseridas, a segunda é caracterizada a partir da ocidentalização e a terceira é o próprio modernismo islâmico. Sendo, perante essa terceira reação, os avanços tecnológicos advindos do ocidente prestigiados, mas a dominação era severamente criticada.

De acordo com teóricos condizentes com esta última ideia, a presença das especialidades europeias e americanas no território deviam ser conduzidas a partir dos ideais defendidos pelo islamismo. Isso se dá ao fato de que devia haver a preservação da região chamada de Mundo Muçulmano. Este possui uma forte oposição à ocidentalização, tornando a emergência de grupos de resistência cada vez mais comuns a partir das diversas camadas sociais. Os grupos tem como objetivo o combate ao domínio político, econômico e cultural, o que traz uma nova interpretação para a categoria de “terrorista islâmico” (SANTOS, 2004). Muitas generalizações ignoram e simplificam as questões sociais e

10. Na visão de Boaventura de Sousa Santos (2007, p. 76) o “pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que separam o mundo humano do mundo sub-humano”.

políticas do Mundo Muçulmano, negando interpretações mais minuciosas e flexíveis para os estudos de fenômenos como o terrorismo e o caos sistêmico incorporado dentro deste fenômeno. É através de lentes como a pós colonial que novas interpretações irão surgir para explicar situações que teorias tradicionais não conseguem incorporar.

Sendo assim, voltando para a circunstância que será analisada, encontra-se que a emergência de tal grupo se dava, em comunidade religiosa, em torno de uma mesquita ou escolas islâmicas. Concentram suas atividades no norte da Nigéria e são classificados como um grupo terrorista por potências tais como o Reino Unido, os Estados Unidos e a própria Organização das Nações Unidas.

Sendo a teoria pós colonial, responsável por desmistificar as reflexões ocidentais e eurocêntricas, quando se trata da análise sobre o terrorismo há o grande acontecimento, a Guerra ao Terror: o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001. Após esse acontecimento o muçulmano ganha uma forte conotação pejorativa e racista, em que todos são terroristas e fundamentalistas¹¹ religiosos. De acordo com Vakil (2004):

O maniqueísmo impera. Nos termos da dicotomia, acasalam-se as assimetrias: do Ocidente e do Islão; da modernidade e do arcaísmo; da razão e do fanatismo e irracionalidade; do secularismo e da teocracia; da democracia e do islamismo; da liberdade e do terrorismo.

Após a independência nigeriana, os britânicos deram o poder para aqueles que vingavam os conceitos e ideais ocidentais, trazendo uma política pouco condizente com o islamismo (religião predominante do território) e voltada para os condizentes do cristianismo. Assim, mesmo após a independência, essa relação entre muçulmanos e cristãos estava em conflito, afinal, o poder permanecia sobre aqueles cristãos que objetivavam espalhar as ideias ocidentais. Forma-se uma forte diferença e bipolaridade entre seus cidadãos: a maioria não se identificava com o governo, já que sua etnia era ignorada, além de ser um governo corrupto, fraudulento e com diversos golpes militares (GULARTE, 2015).

11. Um muçulmano fundamentalista é aquele que interpreta o Alcorão como palavra literal de Deus e a Suna (caminho trilhado por Maomé) como modelo e objetivo de vida. Para Esposito (1992) o fundamentalismo carrega pressupostos ocidentais e generalizadores, trazendo estereótipos e uma noção de ameaça sobre as populações cristãs.

É imprescindível argumentar que essa instabilidade foi de suma importância para o surgimento e fortalecimento de grupos contrários à situação. Assim se caracteriza a emergência do Boko Haram: contrários a qualquer cultura ou educação baseada no Ocidente, opondo-se também à ciência e à modernização. Possuem como objetivo combater as forças ocidentais no território em que atuam, propondo a difusão do islamismo e a imposição da lei sharia sobre o território da Nigéria. Para Johnson (2013) o Boko Haram se mostra um sintoma de décadas de um governo falido e da corrupção das elites. São a reivindicação de um Estado condizente com os ideais de sua população e da melhoria de vida.

5.1 Construção do senso comum do termo “terrorismo” e a crítica da teoria pós-colonial através do Orientalismo de Said.

É notável a influência dos meios de comunicação, principalmente dada a situação de coletividade e sociedade. As tecnologias que revolucionaram o século XX, passaram a ser grandes componentes do cotidiano (TODOROV, 2010). Sendo assim, dado o dilema ético-epistemológico das representações seletivas, é de suma importância compreender o papel social das mídias nesta análise.

Analisando a origem do termo “representação social”, percebe-se que esta deriva das características derivadas do conceito de representação coletiva de Émile Durkheim:

“O conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado, que tem sua vida própria; pode-se chamá-lo de consciência coletiva ou comum” (DURKHEIM, 1898, p. 81).

A representação social possui suas raízes no Ocidente, precisamente na Europa, e assim, as mídias que derivam do conceito carregam características centralizadoras. Trazendo, então, o que foi apresentado, é claro a disseminação, através da cultura de massa¹², de uma noção sobre o “terrorismo” e em especial na

12. Aqui, o termo “cultura de massa” é empregado como um produto realizado pela indústria cultural, tendo como objetivo atingir a massa social. A palavra “massa” é utilizada no seu sentido de coesão e opacidade. O termo está fortemente ligado à concepção da modernidade que marcou o século XX, referindo-se aos conglomerados midiáticos globais utilizados para a padronização e disseminação de produtos, notícias e informações.

análise do grupo islamista Boko Haram. Para fins da estruturação da análise, se utiliza as seguintes charges como exemplo do apresentado argumento:

Figuras 1, 2 e 3 – Exemplos da representação do Boko Haram através da descrição ocidental como grupo considerado terrorista.



Fonte: Tulsa World¹³

13. Disponível em: https://tulsaworld.com/opinion/columnists/boko-haram/article_13b83bb1-c822-5a40-8349-fd357d328129.html.



Fonte: Toonpool¹⁴



... CATCH THEM YOUNG!

Fonte: Cartoon Movement¹⁵

14. Disponível em: https://www.toonpool.com/cartoons/Nigeria..Boko%20Haram_225663

15. Disponível em: https://tulsaworld.com/opinion/columnists/boko-haram/article_13b83bb1-c822-5a40-8349-fd357d328129.html.

Tendo em vista a situação de banalização do Oriente por parte do Ocidente, busca-se um fundamento e entendimentos baseados na concepção de política e cultura. A relação entre os dois termos se fundamenta nos pressupostos imperialistas segundo Said, este que se baseia em Foucault. Mostra que o poder é uma dimensão discursiva de produção em que se elabora as condutas e pensamentos (DE CARVALHO, 2010). Said também destaca a necessidade de reavaliação das superestruturas, que não devem mais ser tidas por reflexos de uma instância verdadeiramente essencial. Ou seja, destaca que aquelas considerações abrangentes e dominantes devem ser consideradas e avaliadas perante a complexidade das culturas componentes do âmbito internacional:

As obras de Said integram o esforço de teorias que buscam entender as maneiras pelas quais certos arranjos formais reproduzem um tipo normalizado de conduta ou são desafiados pela construção de identidades sociais de resistência (DE CARVALHO, 2010, p.46).

Em suma, conclui-se que o processo de reivindicações políticas e sociais advindas do grupo Boko Haram se dá pela vontade e necessidade de uma transformação social. Através da não representação do povo por parte do governo nigeriano, que após sua independência, ainda se conduziu a partir dos resquícios da colonização. O Orientalismo, estudo inserido no âmbito da teoria pós-colonial defendida por Edward Said, mostra como o termo terrorista é indevidamente utilizado a partir do senso-comum de mídias e meios de comunicação. Não fazem sentido, portanto, as análises que dicotomizam as dimensões da cultura e da política, de modo que haja, de um lado, a esfera cultural isolada, tida como perene e, de outro lado, uma esfera política que, de fato, seria a fonte de toda verdade. Said (2011) coloca que a cultura é exonerada de qualquer envolvimento com o poder. Assim, o Boko Haram é uma representação de uma reivindicação e negação dos ideais ocidentais sobre o território nigeriano. Dessa forma, Edward Said traz a necessidade de teorias e estudos mais pontuais e menos abrangentes, em que ocorra o rompimento aos ideais eurocêntricos e ocidentais para, através de argumentos reflexivistas, históricos e sociais, compreenda-se a dimensão de grupos considerados terroristas e o que os leva a atuar de maneira violenta e radical, negando o senso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das informações apresentadas, conclui-se que a presença do Boko Haram na Nigéria dispõe de condições que podem ser interpretadas juntamente das particularidades que fundamentaram o território nigeriano, como a corrupção do governo, a rivalidade religiosa que provoca conflitos étnicos, a divisão política e econômica, tendo o norte muçulmano dominado a política e o sul cristão a economia. Também se tem a questão do petróleo, a concentração de riqueza nas mãos de poucos e a pobreza, desigualdade e más condições de vida de grande parte da população e todo o âmbito global. Conjectura que se fundamenta, a partir da lente de análise escolhida pelo presente artigo, não sobre um âmbito anárquico de agentes estatais, como interpretaram os autores canônicos, mas sim por meio de uma relação hierárquica baseada na identidade econômica, cultural e regional dos Estados. De modo que, os atores em posição de destaque no sistema internacional, aqueles situados no norte global, atuam de forma contínua dentro e fora das nações em desenvolvimento, maioria de Estados afro-asiáticos e latino-americanos, com o intuito de perpetuar seus interesses. O que muitas vezes justifica e permite, deliberadamente, que aqueles Estados do norte global também se mantenham no lugar de potências estatais.

Nesse sentido, Said (2011) interpreta, por meio do Orientalismo, que a fim de atender aos anseios coloniais, o Ocidente, elabora uma imagem distorcida do Ocidente, usando de uma vasta gama de obras literárias, artísticas, jornalísticas ou de outros gêneros, das quais a identidade oriental se dá na forma do “Outro”. Esse personificado pela ameaça, nada mais do que um vilão no enredo ocidental. Tendo em vista essa premissa, depois de se observar o processo de colonização nigeriana, sob domínio da Inglaterra até 1960, e, ainda hoje, dotada de vestígios do processo colonial arraigados à configuração nacional. Principalmente na forma política, na qual a maioria dos líderes que se mantiveram no poder foram aqueles cristãos e de identidade compatível aos ingleses, tanto interna quanto externamente, mesmo diante de uma população majoritariamente islâmica.

Essas circunstâncias muitas das vezes geram respostas agressivas por parte dos muçulmanos que não desejam a imposição de ideais ocidentais. A clara descontinuidade que a interferência

ocidental causa ao chamado Mundo Muçulmano, solidifica ainda mais a necessidade de articulação e resistência pelos opositores. De modo que o combate a dominação política, econômica e cultural se personifica em grupos como o Boko Haram, no qual a gênese e a continuidade se dão com o intuito de conter o avanço ocidental. Em suma, utilizando das premissas do pós-colonialismo, têm-se, pois, uma ótica diferente para o “terrorismo islâmico”, em que se baseando no pós-positivismo e a bagagem social, histórica e reflexivista compreende-se que o senso comum do “terrorismo” como algo pejorativo é algo muito vinculado às ideias de poder e imposição, dada pelas políticas imperialistas do período colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAO, Abiodun. **Islamic Radicalization and Violence in Nigeria**. In Gow, James and Olonisakin, Funmi and Dijkhoorn, Ernst, *Militancy and Violence in West Africa*. New York: Routledge. p. 43-89, 2013. Acesso em 09 maio 2021.

ALE, Ayodele. **Boko Haram: Soyinka Blames government**. Lagos: Saturday Punch, 2009. Acesso em 11 maio 2021.

AFFONSO, Luiza Bizzo; MARREIRO, Matheus Moraes Alves. **O “Terrorismo Islâmico” sob a ótica do Construtivismo e do Pós-colonialismo. The “Islamic Terrorism” from the standpoint of the Constructivism and the Post-colonialism**. Mural Internacional, v. 10, p. 40106, 2019. Acesso em 05 maio 2021.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. Acesso em 04 maio 2021.

BLANCHARD, L. P. **Nigeria’s Boko Haram: frequently asked questions**. Washington: US Congressional Research Service, 2014.

BONANATE, L. 1986. Terrorismo político. In: Bobbio, N.; Matteucci, N. & Pasquino, G. (orgs.). **Dicionário de política**. 2ª ed. Brasília: UNB. Acesso em 12 maio 2021.

BRUCAN, Silviu. **La disolución del poder: sociología de las relaciones internacionales y políticas**. México, 1974. Acesso em 09 maio 2021.

BUMAH, J.; ADELAKUN, A. **The Boko Haram tragedy and other issues**. *The Punch*, Lagos, 2009. Acesso em 10 maio 2021.

COX, R. W.; Sinclair, T. J. **“Approaches to World Order”**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CUNHA, Ciro Leal M. **Terrorismo internacional e política externa brasileira após o 11 de setembro**. Brasília. Acesso em 10 maio 2021.

DE CARVALHO, Bruno Sciberras. Representação e imperialismo em Edward Said. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 15, n. 2, p. 42-60, 2010. Acesso em 08 maio 2021.

BOBBIO, Norberto; NICOLA Matteucci; GIANFRANCO Pasquino. **Dicionário de Política**, 2007. Acesso em 10 maio 2021.

DO AMARAL SPADANO, Lucas Eduardo Freitas. O uso da força no direito internacional: análise da reação ao 11 de setembro de 2011. **Revista do Centro Acadêmico Afonso Pena**, n. 1, 2004.

DUNNE, Tim; KIRK Milja; SMITH, Steve. **International Relations Theories Discipline and Diversity**. Oxford University Press. 2013

DURKHEIM, Émile. **De la définition du phénomène religieux**. L'année Sociologique, 2º ano, 1898, p. 1-28. Acesso em 10 maio 2021.

ESPOSITO, J. (1992) **The Islamic Threat: Myth or Reality**. Oxford University Press: Oxford, 1992.

FOUCALT, M. (2012) **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola.

GALITO, Maria Sousa. **Terrorismo**—Conceptualização do Fenómeno. Lisboa: CEsa, 2013, Working Paper. Acesso em 09 maio 2021.

GULARTE, Glauciele Dutra. **A atuação do grupo terrorista Boko Haram sobre a população nigeriana**. 2015. 78 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Acesso em 10 maio 2021.

HOFFMAN, B. **Inside terrorism**. New York: Columbia University Press, 2006. p. 432. Acesso em 13 maio 2021.

HUSSEIN, B.; WALKER, L. **Nigeria and the Sunni Islamic insurgency of Boko Haram: over 170 killed in Kano**. Modern Tokyo Times, 2012. Acesso em 11 maio 2021.

IDOWU-FEARON, J. **Conflict and cooperation between Christians and Muslims in Nigeria**. In: BORDERLANDS LECTURE, 4., 2005, Durham. *Annals...* Durham: St. Johns College, 2005. Disponível em: <https://www.dur.ac.uk/resources/johns/publications/conflict.pdf> . Acesso em: 17 de maio de 2021

ISA, M. **Militant Islamist groups in Northern Nigeria**. In: OKUMU, W.; IKELEGBE, A. (Eds.). *Militias, rebels and Islamist militants*. Pretoria: Institute for Security Studies, 2010. Acesso em 10 maio 2021.

JOHNSON, T.; SERGIE, M. A. **Boko Haram**. Council on Foreign Relations, [s.l.], 2013. Disponível em: <https://www.cfr.org/boko-haram>. Acesso em: 10 maio 2021.

JENKINS, P. **Images of terror: what you can and can't know about terrorism**. New York: Aldine de Gruyter, 2003. 227 p.9. Acesso em 10 maio 2021.

KRISHNA, Sankaran. **Globalization and postcolonialism: Hegemony and resistance in the twenty-first century**. Rowman & Littlefield, 2009.

NAÇÕES UNIDAS. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Niger Delta Human Development Report. Nova Iorque: Nações Unidas, 2006. Disponível em: http://web.ng.undp.org/reports/nigeria_hdr_report.pdf . Acesso em: 10 maio 2021

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacio-**

nais: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. Acesso em 09 maio 2021.

PEW RESEARCH CENTER. **Table: religious composition by country, in percentages.** *Pew Research Center*, 18 Dec. 2012. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2012/12/18/table-religious-composition-by-country-in-percentages/>. Acesso em: 10 maio 2021.

SANTOS, Norma Breda dos. **O mundo muçulmano.** 2004. Acesso em 10 maio 2021.

SAID, Edward (2011) **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras. Acesso em 06 maio 2021.

SAID, Edward. (2007) **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras. Acesso em 10 maio 2021.

SANTOS, B. (2007). **Para além do pensamento abissal: das linhas globais e uma ecologia dos saberes.** *Novos Estudos*, (79), pp.71-94. Acesso em 15 maio 2021.

SANTOS, B. **Terrorismo: dois discursos.** *Visão*, Porto, 21.jul, 2005. Acesso em 16 maio 2021.

TODOROV, Tzvan. **O Medo dos Bárbaros – Para além do choque das civilizações.** Editora Vozes, Rio de Janeiro. 2010. Acesso em 12 maio 2021.

VAKIL, A. (2004). Pensar o Islão: Questões coloniais, interrogações pós-coloniais. **Revista Crítica de Ciências Sociais.** v. 69, pp.17-52. Acesso em 15 maio 2021.

WHITTAKER, D. (2005) **Terrorismo: um retrato.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. Acesso em 1 maio 2021.